

**ANGOLA UMA GAVETA DE FACAS SEMPRE ABERTA, OU A
MEMÓRIA DA VIOLÊNCIA EM *COMISSÃO DAS LÁGRIMAS*, DE
ANTÓNIO LOBO ANTUNES.**

JOSÉ LUÍS GIOVANONI FORNOS*

Resumo:

O presente trabalho investiga a narrativa *Comissão das Lágrimas* (2011), de António Lobo Antunes, enfatizando as relações entre história, memória, esquecimento e perdão. Evoca episódios do romance, procurando confrontá-los às categorias acima, tomando como referência as reflexões teóricas realizadas por Paul Ricoeur, entre outros. Igualmente examina a organização estrutural do livro, reportando para os aspectos polifônicos, características típicas do autor. A geografia cultural parece ampliar os postulados de uma polifonia circunscrita ao espaço europeu. Nesse sentido, tal arquitetura ganha relevo ao destacar universos culturais das nações subalternizadas pelo imperialismo. A articulação entre as noções fenomenológicas da lembrança com elementos da crítica pós-colonial é um dos propósitos do estudo.

Palavras-chave: Memória – História – Identidade cultural - Romance Português

Como tudo começa interroga Cristina, a personagem central de *Comissão das lágrimas* (2011), o vigésimo quarto romance de António Lobo Antunes. Como tudo começa, diz com insistência a personagem, se voz alguma responde ou se atreve a falar do passado. Ou se falam usam uma linguagem que escapa ao seu entendimento. São vozes que se misturam à própria voz, confundindo sua vida com a vida dos outros. Diante disso, acrescenta a protagonista¹ do romance:

Qual destas vozes julgo ser eu no meio de centenas de pessoas que não cessam de incomodar-me exigindo que as oiça, aproximam-se-me do ouvido, pegam-me no braço, empurram-me, surge uma cara e logo outra se sobrepõe discursando por seu turno, às vezes não discursos, segredo, confidências, perguntas. (p.67)

No capítulo inicial, manifestações como acima, já se destacam, constituindo-se em fenômeno recorrente, configurando-se como linha de força:

Nada a não ser de tempos a tempos um arrepio nas árvores e cada folha uma boca numa linguagem sem relação com as outras, ao princípio faziam cerimônia, hesitavam, pediam desculpa, e a seguir palavras que se destinavam a ela e de que se negava a entender o sentido, há quantos anos me atormentam vocês, não tenho satisfações a dar-nos, larguem-me, isto em criança, em África, e depois em Lisboa.(p.)

A personagem detém capacidade sensitiva, incorporando, inconscientemente, vozes

* Doutor em Letras pela PUCRS e professor do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

¹Uma das problematizações de ordem ideológica no plano da composição da unidade narrativa provém da questão acerca dos protagonistas do romance, uma vez que a personagem Cristina jamais vivera ou testemunhara episódios referidos ao espaço angolano, embora seja através da personagem que as tantas outras agiram ou se manifestam.

originadas de naturezas e tempos múltiplos. O ambiente retratado é o africano e o português, assinalados pela rememoração de períodos em que o preconceito e a desforra se sobressaem. Ao capturar tais aparições, Cristina é absorvida e aprisionada a vidas que não lhe dizem respeito, porém interferem no seu cotidiano, sobressaltando-a sempre.

Sob o ponto de vista da estrutura, o livro se organiza polifonicamente, característica típica do autor. Todavia, tal arquitetura ganha maior relevo quando esta estratégia atrela-se ao sentido cultural, entrelaçando-se às condições de natureza fenomenológica da memória e do esquecimento, próprias das relações dialógicas envolvendo o pensar e o existir. Neste caso, Cristina traduziria, simbolicamente, o paradigma dialético da memória individual e histórica, correspondendo de igual modo a uma terceira condição que Paul Ricoeur chama de “os próximos”.²

O caráter cultural, anteposto ao delírio da personagem, parece ampliar os postulados de uma polifonia controlada por uma razão dialógica interior. Essa espécie de mediunidade que compõe a identidade de Cristina, atormentando-a, recebe num determinado contexto, uma atenção médica. Trata-se da passagem em que a personagem retrata seu internamento hospitalar, situação merecedora de uma ponderação crítica por parte do leitor.

O embate entre campos históricos e culturais distintos, analisados alegoricamente, estão presentes naqueles episódios em que a medicação imposta pelo médico numa clínica psiquiátrica em Lisboa onde a paciente se encontra, possui dimensão, no mínimo, ambígua. Se a terapêutica medicamentosa oferecida à Cristina exerce um controle sobre a sua memória alucinatória, procurando amenizar o sofrimento, apagando estranhas e familiares vozes que lhe perturbam; ao mesmo tempo, destitui-lhe do imaginário, sua identidade, expressa na conjunção fraturada ou lacunar das territorialidades étnico-raciais. Dito de outra forma, Cristina carrega valores de uma cultura que, revivida em outro espaço, pode ser avaliada negativamente. O tratamento talvez não esteja adequada à performance

²Paul Ricoeur, ao tratar do tema memória individual e coletiva, interpela o leitor com a seguinte questão: “Não existe, entre os dois pólos de memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos?” (p.141) Para o filósofo, esse plano é o da “relação com os próximos a quem temos o direito de atribuir uma memória de tipo distinto.” (p.141) Os próximos, seriam, segundo o autor, “essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos.” Eles estão situados “numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros.” (p.141) Para Ricoeur, a amizade, a conjugalidade, a família constituiriam os espaços de memória que estariam entre a situação do indivíduo solitário e ao cidadão da pólis. (Ver em *A memória, a história, o esquecimento*(2007), de Paul Ricoeur o capítulo “Três sujeitos de atribuição da lembrança: o eu, os coletivos, os próximos”)

cultural da moça.

Todavia, a medicação é a resposta imediata à sua condição forjada no impasse ou conflito das relações afetivas, entrevista no meio familiar e social. De outro modo, ao receber o tratamento, seguindo determinada lógica cultural,³Cristina já não escutado passado as milhares de vozes traumatizadas, apagando os rastros que denunciam um universo inteiro de violência.

A multidão de defuntos, vítimas e algozes da intransigência e do preconceito, que se espalham com obsessão pelo romance, se apresentando contra a vontade da personagem, servem para vasculhar a consciência histórica dos sujeitos. Em suma, o esquecimento motivado artificialmente pelo uso da medicação, faz com que, nós, leitores no presente, já não saibamos sobre a história dos horrores da violência colonial e pós-colonial na África.

Numa bela passagem de *Local da cultura*, Homi Bhabha escreve:

Quando a visibilidade histórica já se apagou, quando o presente do indicativo do testemunho perde o poder de capturar, aí os deslocamentos da memória e as indireções da arte nos oferecem a imagem de nossa sobrevivência psíquica. (1998, p. 42)

Pode-se conferir tais observações em *Comissão das lágrimas* em que a obra de arte literária, através de suas obliquidades estético-estilísticas, nos dá “olhos para ver e para chorar”, como nos indica Paul Ricoeur (1997).Recorrendo à memória assombrada, a ficção antuniana faz ressurgir os fantasmas do passado que, dominados pela gula econômica e pela fé inoxidável da ideologia que os conduz a prática da violência, não sejam esquecidos pelas gerações futuras a fim de que essas não repitam os enganos de outrora.

Na decomposição dessas vozes, numa tempestade de lembranças, que brotam involuntariamente na mente da personagem, dá-se, então, a continuidade à identidade narrativa antuniana. Assim, numa repetição estratégica, balizada pela polifonia, agora dimensionada sob os efeitos dos fantasmas que assombram, desde criança, a angolana Cristina, António Lobo Antunes retorna, mais uma vez ao território africano, a fim de interrogar as insanidades provocadas pelo colonialismo e pelos governos pós-coloniais.

A justa articulação entre forma – a polifonia de vozes – e o conteúdo que a sustenta traz à cena a história de um episódio particular de Angola. Fato que maculou os ideais redentores da independência e dos processos revolucionários do socialismo. Trata-se do chamado fracionismo em que rivalidades e disputas ideológicas internas entre os membros

³ Talvez a intenção seja a de verdadeiramente obscurecer ou apagar os rastros do passado comprometedor das relações de imposição colonial que tais vozes insistentemente trazem.

do partido alçado ao poder em 1975, - MPLA – ocuparam as atenções do povo angolano durante o período de dois anos. A memória desse tempo, marcado pela extrema violência com que os grupos em disputa, marcaram a realidade angolana, está assinalada na data de 27 de maio de 1977. *Comissão das Lágrimas* é o apelido dado a tal passagem em que um grupo fora criado para investigar os crimes do período, servindo para fomentar vinganças e retaliações. Esse é o balizamento histórico escolhido pelo escritor para trazer à tona o tema da responsabilidade histórica dos agrupamentos partidários e dos indivíduos, colocando em xeque as motivações ideológicas e culturais como caminhos perigosos para a intolerância política, sexista e racial.

Na ficção antuniana, participa do emblemático evento o pai de Cristina, instruído pela cúpula governamental para dirigir e acompanhar os processos inquisitórios da Comissão. De formação católica cristã, fruto de sua inserção num seminário ainda criança, abandonando-o mais tarde, o ex-padre migra para a militância nos movimentos de libertação. Desta mutabilidade resultam conflitos advindos de paradigmas distintos em que se destacam o cristianismo e o marxismo, sobrepostos, sobretudo, pela vertente do enraizamento étnico-racial, corporeidade primeira de sua origem.

Em Lisboa, o ex-padre divide os dias entre o jogo solitário de xadrez, sinal alegórico do conflito racial, e as saudades da paisagem angolana, representada na vegetação das mangueiras. O silêncio e um delírio persecutório acompanham-no igualmente em virtude das imagens de tortura, somadas à cenas de violações sexuais promovidas no passado. Tais lembranças abastecem um questionamento permanente acerca da existência de Deus, de sua identidade e função diante do universo africano. Igualmente provocam arrependimento, buscando, no perdão, um incessante desejo de paz, inalcançável até ali.

O ex-padre partilha ainda, no presente, um apartamento com Alice, uma portuguesa que conheceu, na juventude, em Angola. Referida no texto como Simone, nome adotado quando de sua chegada ao país, Alice, mãe de Cristina, igualmente traz consigo culpas advindas de seu comportamento no passado. Dançarina de uma boate, a personagem engravida do patrão, denominado de senhor Figueiredo, elemento que proporciona vingança, contribuindo para a disseminação da violência, já instituída no país. Abandonada, Alice recorre ao ex-padre a fim de se manter em Luanda, aproveitando-se do assédio apaixonado do rapaz.

As distensões do campo político fazem com que a família – Alice, Cristina, então

com seis anos de idade e o ex-pai e comissário-chefe do comitê das lágrimas, abandonem Angola, partindo para Portugal. Portanto, é do espaço português, desde os finais dos anos 1970, que as lembranças, entrevistas na mente de Cristina, alcançam o território africano. Especificamente, dois lugares de memória são escolhidos como ponto de apoio às recordações: a clínica psiquiátrica e o apartamento próximo ao rio Tejo e ao cemitério Judeu.

Ao passado angolano, agregam-se, agora, as vozes pertencentes aos familiares de Alice em território português. Uma galeria de parentes trazem à Cristina igualmente lances de violência e preconceito, repetindo, no espaço rural, os mesmos comportamentos de ódio e vingança.

No decorrer do livro, a volúpia de vozes cresce, criando uma quantidade significativa de personagens cujas situações do tempo presente, embora pequenas, se mesclam aos demais já referidos. O corpo de Cristina é apossado, então, por uma infinidade de figuras, uma multidão de mortos e vivos que, numa avassaladora presença-ausência, continuam a perturbar a moça, agora com mais de quarenta anos.

Ao reter, através da personagem, uma massa enorme e intensa de situações, mediada pela memória obsidiada de mortos, *Comissão das Lágrimas* age como metonímia da prática do escritor António Lobo Antunes. O livro pode ser entendido como uma auto-alegoria de sua produção, pois, tal como informa um dos interlocutores do texto, busca sempre mais um aprimoramento. Essa procura maníaca faz com que repetição e diferença se instituem em norma criativa na evolução de seu trabalho.

Tal observação advém das calculadas incursões de um autor-personagem que, mesclado às vozes dirigentes, também se interroga quanto ao batalhão de personagens que não lhe deixam. Numa perseguição invertida, são as personagens que requerem o corpo do autor para se promoverem, e dar à luz a si e aos acontecimentos, procurando expulsá-lo das lembranças e da escrita. Neste caso, é a defesa do imaginário artístico que se impõe para fazer valer as vozes da história e da memória, dialeticamente compostas pelo esquecimento. Ao vasculhar o passado, dispondo-o ao presente, Lobo Antunes interroga nossas fragilidades, dimensionando o humanismo, marcado por uma alteridade radical que nos coloca por inteiro na pele do outro, projetando não mais a violência e o egoísmo, mas a energia solidária que nos arranca de todas as convicções. Eis o que se pode encontrar em Lobo Antunes e no romance *Comissão das Lágrimas*.

Referências bibliográficas

ANTUNES, António Lobo. *Comissão das lágrimas*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

BHABHA, Homi. *Local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: SP: Unicamp, 2007.

_____. *Tempo e narrativa*. Campinas; SP: Papyrus, 1997.